



# **BOLETIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO**

**#19** ABRIL 2018

DIVISÃO DE CULTURA, MUSEU E PATRIMÓNIO



## EDITORIAL

*Tendo como ponto de partida as lendas e os contos tradicionais algarvios, damos as boas-vindas à Primavera, destacamos o jornal "A Avezinha", bem como homenageamos Duarte Pacheco no mês em que celebraria o seu 118.º aniversário.*

*Numa ode ao renascimento da vida, apresentamo-nos com uma nova imagem gráfica que esperamos que seja do seu agrado.*

**ESCOLHEMOS PARA SI...**

**O ROMANCEIRO E CANCIONEIRO DO ALGARVE: LIÇÃO DE LOULÉ DE FRANCISCO XAVIER DE ATAÍDE OLIVEIRA**

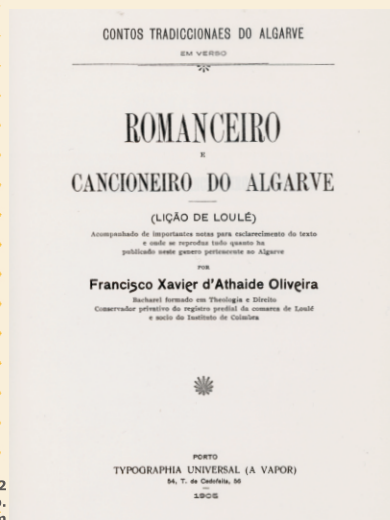
A obra *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve*, de Ataíde Oliveira (1843-1915), publicada em 1905 pela Typographia Universal, no Porto, é um dos estudos que reflete a gradual importância dada à tradição oral, sobretudo entre meados do século XIX e inícios do século XX. Deve-se a Almeida Garrett, autor de três volumes do *Romanceiro* publicados entre 1843 e 1851, o despoletar do interesse pelas temáticas da oralidade e da tradição. A ele se seguiram outros estudiosos da chamada poesia popular, tais como Teófilo Braga, que publica o *Romanceiro Geral*, em 1867, e Estácio da Veiga, autor do *Romanceiro do Algarve* (1887), que influenciarão profundamente a obra de Ataíde Oliveira.

Por outro lado, este aumento do número de obras editadas sobre a tradição oral em muito se deveu ao trabalho desenvolvido por coletores locais, como é caso de Ataíde Oliveira, geralmente investigadores que se dedicam à exploração de uma área específica, onde quase sempre residem, e que, na maior parte das vezes, são também responsáveis pela publicação dos textos antes recolhidos.

Para além da influência que recebeu dos autores anteriormente referidos, o interesse de Ataíde Oliveira pela cultura popular e pela etnografia, já patente nas obras *As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve* (1898) e *Contos Tradicionais do Algarve* (1900), liga-se também ao desejo de promover a região algarvia, que considerava exímia no que dizia respeito à poesia popular. Por este motivo, Ataíde Oliveira dedica o seu *Romanceiro* ao Algarve, escrevendo na abertura do mesmo: “Este livro representa o melhor documento de que me podia servir para significar o meu profundo amor à minha querida província, porque a sua publicação equivale à tradução da alma algarvia vasada nos moldes sublimes da sua velha poesia, ainda hoje conservada e consagrada pela tradição dos nossos maiores.”

O *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve* divide-se em duas partes: a primeira, dedicada aos romances inéditos coligidos em Loulé e, a segunda, composta por orações, rimas várias e notas.

Na introdução da obra, Ataíde Oliveira considera Teófilo Braga o principal motivo pelo qual decidiu dedicar-se à recolha e estudo dos contos tradicionais. Assim, na compilação do seu *Romanceiro*, recorre muitas vezes aos estudos publicados anteriormente, não só por Teófilo Braga, mas também por Estácio da Veiga, José Joaquim Nunes e Reis Dâmaso. Por este motivo, assim como devido à falta de acesso a documentação sobre a temática, é comum na obra de Ataíde Oliveira, e na de outros autores da época, a manipulação das diversas versões impressas e orais em busca daquela que seria a mais genuína. Ainda que Ataíde Oliveira escreva que o seu "[...] trabalho limita-se simplesmente ao mero colector", no *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve* são comuns as alterações de vocábulos e a eliminação ou acrescento de versos com o intuito de melhorar os textos. Contudo, embora deixe transparecer as dificuldades da época em que foi publicado, o *Romanceiro* é, como tão bem escreveu o seu autor, "[...] um depósito sagrado de todos os romances e lendas apuradas, até ao momento, por algarvios". De facto, o *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve* constitui uma obra de excelência por reunir exaustivamente documentação sobre a tradição algarvia, sendo ainda hoje uma importante fonte de informação para todos os que se dedicam ao estudo da literatura oral no contexto algarvio.



CDoc n.º 292  
432 p.  
22 x 15 cm



**A AVEZINHA, UM JORNAL ALTRUÍSTA AO SERVIÇO DOS PADERNENSES**

O jornal *A Avezinha* surgiu em 1921 por iniciativa de Maria do Espírito Santo Correia, Maria Feliciano Marim Marques, Maria da Conceição Sousa Elói e Maria da Conceição Mendes Costa Biker. Conhecidas como as quatro Marias, as fundadoras, objetivando manter o anonimato, assinavam os artigos com pseudónimos relativos a flores. O primeiro jornal impresso data de 17 de julho de 1921, no entanto, os primeiros dois números de *A Avezinha* foram manuscritos e publicados em março e abril do mesmo ano. O primeiro número manuscrito abre com um artigo assinado por *Hortênsia* (pseudónimo usado por Maria do Espírito Santo Correia), no qual é anunciada a missão altruísta do jornal, nomeadamente “[...] consolar os pobrezinhos pela esmola que dispõe favoravelmente o espírito para os sentimentos da verdadeira fraternidade, os quaes a miséria muitas vezes afasta”. Assim, *A Avezinha* nasce como um veículo de ajuda ao próximo, nomeadamente às gentes de Paderne, localidade de onde eram naturais as quatro Marias. Apreciando as aspirações expressas pelas fundadoras de *A Avezinha* nos números manuscritos, o então pároco de Paderne, Padre João dos Santos Silva decidiu-se pela publicação do jornal, permitindo assim que o mesmo aumentasse em muito o número de assinantes e chegasse cada vez a um maior número de leitores. Assim, em 17 de julho de 1921, inicia-se a 1.ª série de publicação de *A Avezinha* sob a direção do mesmo Pároco e funcionando como órgão da Paróquia de Paderne – Diocese do Algarve. Apesar das dificuldades económicas, a 1.ª série da *A Avezinha* publicou-se durante 15 anos. Contudo, a morte do Padre João dos Santos Silva, em novembro de 1937, a ida de Maria Feliciano Marim Marques para o Brasil e a ocupação da direção do jornal pelo Padre José Gomes de Encarnação, de Faro, suscitaram o desagrado, não só das restantes fundadoras, mas também dos

assinantes e dos leitores que sentiram que o jornal começava a pertencer mais a Faro, para onde mudara a sua sede, do que à freguesia de Paderne. Estas vicissitudes ditaram a suspensão da publicação de *A Avezinha* até maio de 1977, altura em que o jornal voltou a publicar-se por iniciativa do seu atual diretor Arménio Aleluia Martins. Assim, após 40 anos de inatividade, *A Avezinha* ressurgiu, assumindo-se como um periódico de cariz noticioso e regionalista ao serviço da freguesia de Paderne e ansiando “[...] servir de elo de ligação entre todos os paderneses espalhados pelo mundo” (n.º 1 da 2.ª série, maio de 1977). Será também no decurso da 2.ª série da publicação do jornal que o mesmo passa de mensário a quinzenário, em 1983, e por fim, em 1987, a semanário.

Em termos de colaboradores e de secções regulares há uma grande discrepância entre as duas fases do jornal. Cingir-nos-emos à 2.ª série da publicação por serem os números de *A Avezinha* que possuímos na hemeroteca do Centro de Documentação do Museu. O número de colaboradores é variado e extenso, de entre os quais destacamos, a título de exemplo: Esmeralda Casimiro, Vítor Hugo Pereira, José Lourenço, Domingos Matos Alves, Idálio Revés, Francisco Clara Neves, José Viegas Gregório, Diamantino Barriga, Luís Monteiro Pereira, Maria Emília Rodrigues, entre muitos outros.

Quanto às secções regulares salientam-se: “Crónicas da Vila”, “Hora de Loulé” (secção coordenada pela Associação de Estudantes da Escola Secundária de Loulé), “Nasceram para a vida” (nascimentos registados em Paderne e Albufeira), “A razão sempre tem freguês” (apontamentos fotográficos), “Registo dos 16 concelhos” (notícias várias sobre os concelhos do Algarve), entre outros.

Embora privilegiando Paderne, por apresentar conteúdos bastante diversificados e abrangentes e pela sua antiguidade, *A Avezinha* constitui uma importante fonte para o estudo da história e da cultura do Algarve.

Atualmente, *A Avezinha* apenas se publica na página do facebook, sendo que, em março de 2016, a autarquia de Albufeira assinou um protocolo com a Biblioteca-Museu do jornal com o objetivo de permitir o acesso do público ao acervo bibliográfico do mesmo, bem como a toda a maquinaria e equipamentos utilizados ao longo dos anos. Para tal também contribuiu o Museu Municipal de Loulé, através da sua equipa de conservação, restauro e encadernação, responsável pela encadernação de muitos exemplares de *A Avezinha*.

Por fim, transcrevemos parte de um artigo publicado no n.º 30 da 2.ª série, em maio de 1981, assinalando o 60.º aniversário de *A Avezinha*:

"Sessenta anos de vida

Quem nasceu por amor, necessariamente apenas pode viver na fraternidade. Passaram sessenta e um anos sobre essa data em que três grandes mulheres algarvias multiplicaram com cópias manuais um jornal hoje transformado já em instituição: «A Avezinha». E sobre a data da primeira impressão oficial decorreram 60 anos. No entanto, aquilo que determina, o valor de um jornal por mais que ele tenha vivido, é o seu futuro. As primeiras páginas reproduzidas aqui ao lado, cada uma delas correspondendo a um «salto» significativo, encobrem o esforço anónimo de centenas de colaboradores e de milhares de assinantes que ao longo do tempo têm tornado possível esta realidade com futuro: «A Avezinha»."



## VISITA DE INSPEÇÃO À OBRA DO MONUMENTO A DUARTE PACHECO

Comemora-se neste ano, o 65º aniversário da inauguração do Monumento a Duarte Pacheco. Evocando essa efeméride, apresentamos neste número um conjunto de onze fotografias respeitantes à reportagem fotográfica sobre a visita de inspeção do Diretor Geral dos Serviços de Urbanização à obra de construção do Monumento a Duarte Pacheco, em 18 de junho de 1953.

Tal como nos informa o jornal *A Voz de Loulé*, de 01/07/1983, o Diretor, Eng. Manuel de Sá e Melo fez-se acompanhar do escultor Anjos Teixeira, responsável pelos trabalhos de gravação dos baixo-relevos. Informa-nos ainda que *Sua Ex.<sup>a</sup> passou demorada revista aos trabalhos em curso, acompanhado pelos Eng. Pessanha Viegas, Diretor de Urbanização de Faro e Silveira Ramos, técnico da Câmara e pelo Presidente e vereadores da Câmara.*

A sua construção obedeceu aos desígnios nacionais. O projeto original que contemplava a sua edificação em Lisboa, no Parque Florestal do Monsanto, acabou por se concretizar em Loulé, por concordância entre o Governo e a Câmara Municipal de Loulé, que já tinha esboçado a intenção de construir um memorial ao seu ilustre conterrâneo e que, para tal, já tinha também convidado o arquiteto louletano Manuel Laginha. Considerando a dedicação incondicional de Duarte Pacheco em prol do desenvolvimento da nação, 138 municípios, em gesto de reconhecimento, contribuíram monetariamente para a edificação do monumento. Também os arquitetos e escultores envolvidos fizeram-no de forma graciosa. O projeto teve o desenho do arquiteto Cristino da Silva e os painéis foram elaborados por 10 escultores de renome nacional, sendo eles: Leopoldo de Almeida, Barata Feyo, Henrique Moreira, Álvaro de Brée, João Fragoso, Martins Correia, Raúl Xavier, Anjos Teixeira, António Duarte e Euclides Vaz.

Verifica-se, aquando desta reportagem fotográfica, que a obra já se encontrava num ponto avançado, observando-se o monumento já com os seus finais 17 metros de altura, ainda envolvido pela cofragem e o semicírculo que o compõe já erigido. De constatar que a obra levou dezassete meses a ser finalizada e que foi concluída alguns dias antes da sua inauguração solene, a 16 de Novembro de 1953, dia em que se celebraram os dez anos da morte de Duarte Pacheco.

Esta reportagem fotográfica foi da autoria de Manuel Guerreiro de Brito. Embora não tenha assinatura, confirma-se a sua autoria pela legenda manuscrita que apresenta no verso, redigida com a característica caligrafia do autor, lendo-se: *Monumento a Duarte Pacheco – Visita do Dir. Geral de Urb. em 18-6-1953.*

Convidamo-lo a visitar o nosso Museu para conhecer esta coleção...



# MUSEU MUNICIPAL LOULÉ

CENTRO DE  
DOCUMENTAÇÃO

[WWW.MUSEUDELOULE.PT](http://WWW.MUSEUDELOULE.PT) | [MUSEU@CM-LOULE.PT](mailto:MUSEU@CM-LOULE.PT)

289 41 45 36 | SEG A SEX: 09H30-12H30  
14H30-17H00

